

XV CISO – ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE
GT 14: Mídia, Cultura e Sociedade.

MÍDIA, ESTÉTICA E VIOLÊNCIA:
O CASO DO PROGRAMA BARRA PESADA

Autor: Luciana Pinho Morales (UFC)

Co-autora: Profa. Dra. Jania Perla Diógenes de Aquino (UFC)

E-mail: lucianapmorales@gmail.com

Teresina

2012

MÍDIA, ESTÉTICA E VIOLÊNCIA: O CASO DO PROGRAMA BARRA PESADA

Luciana Pinho Morales¹

Jania Perla Diógenes de Aquino²

RESUMO

O trabalho analisa a estética da violência urbana apresentada pelo programa policial cearense Barra Pesada, da emissora TV Jangadeiro, afiliada da BAND no Ceará, tendo como objetivo analisar repertórios simbólicos e sistemas classificatórios veiculados nas imagens, discursos e sons deste noticiário. Com base nos dados coletados, problematizamos a apresentação das ocorrências violentas e seus protagonistas pela mídia, discutindo o papel da televisão no processo de construção social de um imaginário específico sobre o fenômeno da violência urbana. A pesquisa empírica tem sido viabilizada pela observação extenuante de uma coletânea de imagens/discursos/sons e de suas significações simbólicas veiculadas pelo programa pesquisado, a fim de manter um diálogo constante entre a análise "do verbal" e do "não verbal". Partimos do pressuposto de que a cobertura jornalística não apenas descreve as ações referentes à violência urbana, mas também é parte integrante dos fenômenos e dramas sociais que se desenvolvem em decorrência da notícia. Argumentamos que, nas sociedades contemporâneas, a realidade está cada vez mais entrelaçada ao mundo visual, virtual e imaginário, sendo constantemente mediada pelos *mass media*, que não representam um ente à parte do social, mas aparecem como uma extensão sensorial e amplificadora de possibilidades comunicativas, na condição de mediadores entre o sujeito e o real concreto.

Palavras-chave: Jornalismo Policial. Violência urbana. Estética midiática.

¹ Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

² Professora Doutora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, coordenadora científica do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da Universidade Federal do Ceará.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno social que sempre existiu na história da humanidade, no entanto, podemos afirmar que tal fenômeno vem crescendo significativamente nas últimas décadas, tornando-se cada vez mais presente em todos os espaços sociais, sobretudo nos grandes centros urbanos, e trazendo consigo uma série de impactos para a sociedade como um todo. Um desses impactos é a sensação de insegurança que já faz parte do cotidiano dos cidadãos que vivem em grandes cidades.

Na atualidade, cada vez mais, esse sentimento de temor popular relacionado ao crescimento da delinquência urbana, que envolve diversos tipos de ações violentas que se passam no interior do quadro urbano, desde vandalismos, desordens públicas, motins e saques, até crimes contra o patrimônio/propriedade (roubo, extorsão mediante seqüestro, arrombamento, etc.), estupros, agressões e homicídios; provoca mudanças profundas nas relações entre os indivíduos, culminando na reprodução do medo, do pânico e até mesmo do ódio, criando uma situação favorável para a construção de estigmas sociais, que salientam o preconceito e os mais variados tipos de discriminação social. (BAUMAN, 2009).

O processo de globalização trouxe consigo mudanças políticas, sociais e tecnológicas, sobretudo na forma como nos comunicamos. Surge, assim, a televisão, que aparece como um dos principais meios de comunicação em massa mundiais. A eficiente ampliação de sua capacidade de transmissão confere a televisão maior poder sobre a sociedade, visto que, atualmente, constitui a principal fonte de comunicação da maioria das classes. No mundo atual, quem vive sem televisão? Nesse sentido, acreditamos que a mídia ocupa um lugar central na produção de uma memória coletiva no mundo contemporâneo, apresentando-se como um elemento essencial na construção de identidades sociais na contemporaneidade. (SIMMEL, 1979).

O elevado número e a acentuada frequência de atos violentos e de episódios de violência que são veiculados pela mídia em uma variedade de tipos de programas televisivos é um fato comprovado em diversas pesquisas sobre a temática violência urbana e mídia.

No caso brasileiro, o aumento de episódios de violência ganhou destaque na cobertura jornalística em geral, sobretudo na televisão, abrindo espaço para a criação de programas específicos que tratam exclusivamente de notícias que abordam temáticas sobre a

violência: os chamados programas policiais. Portanto, torna-se mister analisar em que aspectos, se houver algum, a estética midiática desse tipo de programa influencia na construção social da violência urbana. (ROCHA, 1997).

Entretanto, é importante salientar que a forma como os meios de comunicação falam da violência urbana faz parte da própria realidade do fenômeno (RONDELLI, 1998); e que os meios de comunicação não só descrevem as ações referentes à violência urbana, mas também fazem parte do drama social produzido pelos fenômenos narrados por eles (RONDELLI, 1998). Logo, a mídia, nesse contexto, cria valores, (hiper) representações e, até mesmo, estereótipos dos sujeitos envolvidos na prática de atos violentos que se encontram em situação de vulnerabilidade social ou em conflito com a lei. Nesse sentido, a mídia muitas vezes propõe que nos distanciemos de tais “elementos perigosos”, já que em alguns discursos midiáticos, tais indivíduos são legitimados como inimigos da sociedade ou retratados como o “outro”, muito distante da “nossa realidade”, alimentando assim a indiferença, o preconceito, a sujeição criminal, além de aumentar a sensação e a (re)produção social do medo. (MISSE, 2008).

Dessa maneira, este artigo surge como um estudo explanatório que visa compreender como a violência urbana de Fortaleza e de sua região metropolitana é retratada no programa policial Barra Pesada da TV Jangadeiro. Para isso, este artigo pretende investigar como objeto de estudo imagens, discursos e sons, *da e sobre* a violência em Fortaleza, produzidos por programas policiais televisivos. Para isso, tomarei o programa policial Barra Pesada da TV Jangadeiro como recorte empírico dessa pesquisa, analisando notícias/matérias relativas à violência na cidade de Fortaleza e sua região metropolitana.

1 BARRA PESADA: UM BREVE HISTÓRICO

Olha, a violência, como os homens que a cultivam, um dia passa. (...) Os costumes bárbaros também vão cedendo às luzes e às novas civilizações. (...) Os governantes truculentos e sanguinários se livram na cortina do tempo, se encarregam de mudar as coisas e os homens. As gerações vão se substituindo umas as outras em todos os aspectos da vida, para que o pleno progresso siga o seu destino sem interrupção. A vida é um contínuo mudar. Hoje, uns mandam; amanhã, serão mandados. São as etapas das mudanças. São seus processos sábios. É nesse mudar contínuo dos homens e das coisas, que tudo vai também mudando. Os hábitos, os costumes, a cultura, a maneira de se relacionar e de agir. A barbárie não pode conviver com a direção, uma vez que os homens e as coisas mudam todo dia, os seus hábitos, sua cultura e seus costumes. A violência tende a mudar também. Com novas mentes. Com o comando das estruturas. Com a renovação permanente dos que mandam e ensinam. Vai surgindo uma nova ordem. Uma nova forma de aprender a viver.

Sempre para melhor. É isso que a sociedade espera desse momento da vida. Que levem também práticas políticas, injustiças, privilégios... Violência também irá perder seus espaços pra dar lugar a justiça e a fraternidade. (Trecho da transcrição da edição do programa do dia 06/10/2008³).

Em 16 de julho de 1990, o telespectador cearense se depara com o primeiro programa televisivo local a utilizar o gênero policial em sua linha editorial – o Barra Pesada. Desde sua criação até os dias atuais, o noticiário policial é veiculado pela TV Jangadeiro, que, ao longo de sua existência, prioriza uma programação de cunho popular que ofereça ao público uma série de temáticas e questões relacionada ao cotidiano das grandes cidades cearenses, fazendo com que seus espectadores se identifiquem com a abordagem de tais programas. E é isso que parece realizar com o Barra Pesada, quando o define como o responsável por cobrir as notícias sobre segurança pública e os bastidores policiais do Estado do Ceará.

Logo em seu surgimento, a TV Jangadeiro afilia-se à Rede Bandeirantes de Televisão (BAND) e, em 1999, passa a associar-se ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Recentemente, após aproximadamente doze anos sendo a emissora filiada do SBT no Ceará, a TV Jangadeiro passa a transmitir novamente o sinal da BAND, realizando alterações significativas em sua programação diária, inclusive o telejornal Barra Pesada. (A BANDEIRA..., 2012).

Após o seu surgimento, outros noticiários policiais foram criados pelas demais emissoras cearenses como uma estratégia para concorrer com os altos índices de audiência alcançados pelo Barra Pesada, inspirados por sua abordagem jornalística e por seus elementos estéticos. É possível destacar alguns deles: o Mão Branca, transmitido pela TV Cidade (canal 08, filiada à Rede Record), atualmente cancelado; o Cidade 190, veiculado pela TV Cidade; o Comando 22, o Rota 22 e Os Malas e a Lei, todos exibidos pela TV Diário (canal 22, filiada à Rede Globo de Televisão); constituindo um total de aproximadamente catorze horas diárias de jornalismo policial somente no Estado do Ceará.

Em quase vinte e dois anos de existência, o Barra Pesada já passou por várias mudanças estruturais tanto em sua forma estética e ética, quanto em relação ao conteúdo apresentado. Estas modificações foram motivadas por diversos fatores, como, por exemplo,

³ Discurso do atual apresentador do programa policial Barra Pesada, Nonato Albuquerque, retirado do trecho da transcrição referente à edição do dia 06/10/2008 do programa, coletada no Arquivo Institucional da TV Jangadeiro em 20/10/2008.

reclamações dos próprios telespectadores, medidas jurídicas impostas sobre as produções dos programas policiais de toda a região cearense, posicionamentos administrativos da Secretaria de Segurança Pública, avanços tecnológicos midiáticos, dentre outras motivações; demonstrando que a relação entre o público e o programa vem passando por um processo de construção social constante e gradual, como qualquer outro tipo de relação que poderíamos observar na sociedade.

Para exemplificar as alterações que o Barra Pesada tem passado ao longo dos anos, deteremo-nos, em primeiro lugar, a refletir sobre aquele que comanda o programa diariamente: o apresentador. Inicialmente, o telejornal foi apresentado pelo jornalista Tadeu Nascimento, pouco tempo depois eleito vereador da cidade de Fortaleza, graças à grande afinidade e afeição estabelecida com seus interlocutores. Apesar do mesmo ter sofrido diversos comentários racistas por possuir cor de pele negra, o ex-apresentador demonstrou ter cativado o público cearense ao ultrapassar inúmeras vezes os índices de audiência da TV Verdes Mares, emissora concorrente responsável pela transmissão da programação da Rede Globo no Ceará. Desliga-se do programa para investir em sua “carreira” política. (SIQUEIRA, 2004).

Desde então, o programa Barra Pesada é liderado por Raimundo Nonato Bezerra de Albuquerque, ou, como ficou conhecido, Nonato Albuquerque. A postura moralista deste apresentador pode ser evidenciada nos diversos discursos que empreende ao longo das edições do programa, “mostrando a vida exatamente como ela é e como não deve ser” (Trecho da transcrição da edição programa gravado pela autora em 20/07/2009). Sua trajetória profissional passa tanto por experiências no rádio, quanto na televisão, o que demonstra a influência de programas radiofônicos em seu estilo de apresentação. Conforme afirma Maria Tereza Paulino da Costa (1992), essa influência pode ser percebida nos demais programas policiais locais e nacionais, inclusive quando observamos que muitos dos apresentadores de noticiários televisivos foram ou ainda são renomados locutores radiofônicos.

Ademais, o noticiário sofre a influência de outros telejornais do gênero policial transmitidos nacionalmente, tais como o programa Aqui Agora, baseado em um telejornal homônimo, veiculado pela extinta TV Tupi em 1979. O Aqui Agora ressurge no início da década de 1990, sendo transmitido pelo SBT e comandado pelo radialista Gil Gomes. O telejornal policial foi um grande sucesso de audiência nacional, trazendo consigo um diferencial para a televisão brasileira: o jornalismo popular. Seguindo seus passos, o programa

Barra Pesada conseguiu obter um sucesso de audiência similar em nível local, contribuindo com aproximadamente 19% da arrecadação mensal da TV Jangadeiro, faturamento este proveniente das cotas publicitárias obtidas pela exposição de produtos durante o telejornal e em seus intervalos comerciais. (COSTA, 1992).

Desse modo, o programa Barra Pesada foi o pioneiro no sentido de garantir a transmissão dos bastidores policiais no Estado do Ceará e de se manter com altos índices de audiência durante praticamente toda sua história. No início, o telejornal era transmitido de segunda à sexta a partir de uma hora da tarde, com reprises aos sábados pela manhã. Com cerca de uma hora de duração, os quadros do programa eram distribuídos em quatro blocos, sendo cada bloco intercalado por propagandas comerciais. Alguns desses quadros ganharam grande repercussão social, tais como os quadros “Fora de circulação” e “Mão Amiga”. O primeiro, que ficou mais conhecido como “Os Santinhos do Dia”, acabou sendo permanentemente retirado da programação do noticiário por conta de problemas jurídicos ocasionados por denúncias contra a forma polêmica como era apresentado. Enquanto o segundo, criado em 1996, oferecia um espaço para a população cearense emitir opiniões acerca das temáticas abordadas nas edições do programa.

Atualmente, o Barra Pesada é transmitido em dois horários (ao meio dia e às oito e vinte da noite), nos quais a pauta do dia vai sendo trabalhada, isto é, os acontecimentos da vida social cearense, que foram escolhidos como importante para entrar na lista de notícias apresentadas pelo Barra Pesada, serão coletados e editados pela equipe de produção jornalística do programa. Tais informações são adquiridas com o apoio de inúmeros informantes (Policiais civis e militares, corpo de Bombeiros, a Polícia Rodoviária, a própria população cearense etc.), que se comunicam através de diversas formas de comunicação, (linhas telefônicas, e-mail, fax, site e até mesmo pessoalmente). Essa experiência de interação e de participação que a produção do Barra Pesada proporciona aos seus interlocutores possibilita uma sensação de proximidade entre o programa e o público.

Outro aspecto interessante na história do Barra Pesada é que, muitas vezes, sua pauta jornalística ultrapassava a cobertura dos bastidores policiais, cobrindo também rituais místicos e apostando na exposição de elementos estéticos do grotesco e do bizarro, tais como aberrações biológicas, usuários de drogas entorpecidos, corpos sem vida e o desespero das famílias dos sujeitos envolvidos nos casos violentos. O apresentador do programa chegava a alertar aos telespectadores que retirassem os mais jovens, os idosos e as pessoas com

problemas cardíacos do recinto, pois as cenas que seriam divulgadas em seguida eram por demais chocantes. (MARTINS, 1993). Com isso, é possível verificar que a produção do programa Barra Pesada procura oferecer uma nova proposta de cobertura dos fatos e dramas sociais cearenses que seja menos sensacionalista e mais engajada, isto é, que seja orientada por um “jornalismo cidadão”. (MARTINS, 1993). Vejamos alguns elementos desta proposta sendo lançada no antigo site do programa, atualmente desativado:

Um programa de jornalismo policial, com amplo espaço dedicado à prestação de serviços e às ações da comunidade. O Barra Pesada vem se pautando, ao longo do tempo, pela ética e pelo respeito, evitando os excessos e o sensacionalismo. Quadros como o ‘Tribuna do Povo’, em que o cidadão participa ao vivo com seu apelo ou reclamação, ‘Desaparecidos’, que ajuda as famílias a reencontrarem parentes perdidos, e ainda um dos quadros de maior sucesso da televisão cearense, o "Barra Móvel", onde o cidadão tem voz e vez. O quadro tem como objetivo expressar sentimentos e opiniões de moradores de diversos pontos do Estado, deixando as autoridades mais próximas da realidade do cidadão. O Barra Pesada mostra como um espaço de televisão pode ser utilizado a serviço da população. Barra Pesada, um programa de verdade. Um programa de cidadania. (MARTINS, 1993, p. 55).

Mas como realmente tem se dado essas mudanças? De fato, o Noticiário vem alterando seu conteúdo programático e sua forma de exposição, reduzindo o excesso de exposição das vítimas nas reportagens e optando pelo corte na pauta do programa de aberrações biológicas, enfatizando, em especial, um jornalismo que oferece um espaço de apoio social às necessidades da população cearense. Entretanto, ainda é possível identificar a exploração de cenas da violência urbana, como assassinatos, linchamentos, entre outros casos. (RAMOS; PAIVA, 2007).

Essas mudanças constituem decisões jornalísticas estratégicas, cuja análise é fundamental para a elaboração de uma pesquisa que busque compreender os elementos estéticos que envolvem a construção de notícias sobre determinadas temáticas, tais como as que envolvem o conceito de violência urbana.

2 A NARRATIVA MIDIÁTICA: CONSTRUINDO O REFERENCIAL TEÓRICO

O universo da mídia não cessa de interpelar as pessoas. Estamos nele e não podemos escapar, recuar, fugir para algum lugar sem mediação. Somos, ao mesmo tempo, emissores e receptores, informantes e informados, agentes e agidos, alvos e públicos. Mas ainda precisamos saber quem de fato somos para a mídia: sujeito ou objeto? Precisamos de uma construção sócio-histórica da nossa relação com os

jornais, com o rádio, com a televisão e agora com a internet. (HAUSSEN; DORNELLES, 2007, p. 7).

Vivemos um momento em que as possibilidades de comunicação, de contemplação e mesmo as de participação são múltiplas. Com o surgimento da televisão na década de 20, especulava-se que os demais veículos comunicacionais simplesmente desapareceriam, no entanto, isso não aconteceu. Rádio, jornal impresso, telefonia, cinema, televisão e internet coexistem, em profunda relação. Esse entrelaçamento foi motivado, sobretudo, pelos avanços tecnológicos e pela acelerada difusão de informações proporcionada pela internet, o que acarretou profundas alterações na maneira como os meios de comunicação anteriores organizam e distribuem seus serviços. Entretanto, é preciso ressaltar que, apesar dessas mudanças, todos eles continuam atuando de maneira central na vida dos indivíduos. Para compreender melhor esse processo, recorreremos às teorias midiáticas desenvolvidas por pesquisadores que se preocupam em interpretar o papel que a mídia desempenha na construção das organizações sociais.

A Teoria Crítica criada por integrantes da Escola de Frankfurt consiste em uma primeira reflexão sobre as causas e os efeitos que o surgimento dos meios de comunicação em massa exerceu nas sociedades industriais do século XX. Apesar da inegável contribuição que a Escola de Frankfurt oferece para os estudos sobre os *mass media*, sua visão um tanto pessimista a respeito das mudanças sociais ocasionadas pelo advento de novas tecnologias da comunicação abriu espaço para o desenvolvimento de outras perspectivas que possibilitam compreender a comunicação em massa para além da noção de “indústria cultural”, como um campo de construção de sentidos e significados culturais organizados em uma determinada sociedade.

Sabe-se que a comunicação teve um papel central nas civilizações do passado e que continua exercendo fundamental influência nas sociedades contemporâneas. Com base nos estudos do pesquisador Harold Innis, as comunicações em geral funcionam como estratégia para a expansão e a perpetuação de impérios que procuram transcender o tempo e o espaço, exercendo uma forte influência sobre a forma de organização das sociedades. (TREMBLAY, 2003).

Apoiando-se na ideia de que os meios de comunicação provocam profundas alterações no modo de percepção e de sensibilidade humanas, Marshall McLuhan (2007) chama a atenção para a existência de técnicas comunicacionais, de suas características e de seu modo interno de funcionamento, fugindo da análise pautada somente no conteúdo das

mensagens veiculadas pelos *mass media*. Segundo ele, “o meio é a mensagem”, isto é, a própria natureza midiática define o ambiente humano de uma determinada sociedade, influenciando sua estrutura em variados aspectos, não apenas o econômico, mas também em sua dimensão simbólica. A mídia produz e reestrutura padrões de sociabilidade no contexto da vida pessoal, transformando-a.

Nesse sentido, o cotidiano de uma sociedade profundamente afetada pela televisão é bastante diferente daquele vivenciado por uma sociedade na qual o rádio desempenha um papel central na vida dos indivíduos. Outra questão a ser considerada é a velocidade com que as trocas (visuais, sensoriais, econômicas, simbólicas etc.) acontecem no mundo atual, condicionando um acúmulo de vivências e de experiências bem maior em comparação a outros períodos históricos. A era tecnológica baseada no fluxo contínuo de informações faz com que fatos, imagens e narrativas produzidas pelos *mass media* sejam continuamente presentificados na vida cotidiana dos indivíduos.

Sob essa visão positiva do papel da mídia nas sociedades, Marshall McLuhan reforça que a televisão, por exemplo, possibilita que um grande número de pessoas tenha acesso a uma diversidade de informações, criando assim uma relação social diferenciada, chamada pelo autor de “aldeia global”, a qual reúne uma série de indivíduos que passam a acompanhar o desenrolar de episódios sociais, participando coletivamente desses acontecimentos.

Sendo assim, o pensamento de McLuhan contribuiu para a formulação de um outro tipo de abordagem crítica sobre a produção da cultura na sociedade contemporânea, pois compreende os meios de comunicação como uma forma cultural, produtora de sentidos e significações, que alteram as relações e as percepções dos sujeitos de uma determinada sociedade.

Influenciado pelas teorias de Harold Innis e Marshall McLuhan, Jean Baudrillard (1991) discute as ideias de simulacro, do possível desaparecimento do real e do surgimento de uma hiper-realidade, considerando que a mídia de massa moderna, em especial a eletrônica, produz efeitos significativos não só na representação de uma determinada realidade social, mas também na definição de como é ou de como deve ser essa realidade. Na era da comunicação em massa, a realidade seria construída por simulacros, isto é, por um conjunto de imagens cujos significados só podem ser atribuídos na relação entre elas mesmas.

Segundo John B. Thompson (1998), o estudo sobre o papel desempenhado pela mídia na sociedade moderna tem sido pouco desenvolvido pelos teóricos da sociologia, salientando sua importância para a devida compreensão a respeito das organizações sociais. Thompson aponta que,

De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum. (THOMPSON, 1998, p. 14).

Divergindo da concepção defendida pela Escola de Frankfurt de uma recepção meramente passiva, Thompson afirma que os mass media proporcionam uma série de informações aos indivíduos, possibilitando a elaboração de um pensamento crítico, visto que é comum, por exemplo, que as pessoas discutam sobre o que viram na televisão. Logo, é interessante pensar sobre o processo intenso de transformações pelas quais essas mensagens passam conforme vão sendo narradas, comentadas, criticadas, interpretadas, reinterpretadas, modeladas e até mesmo remodeladas cotidianamente pelos telespectadores.

Na contemporaneidade, a realidade está cada vez mais entrelaçada ao mundo sensível (visual, virtual e imaginário), intimamente mediado pelos meios de comunicação, proporcionando um fator estético que partilha novas sensações e sentimentos comuns. Nesse contexto, os chamados *mass media* não representam um elemento à parte do social, já que eles não possuem vida própria e, certamente, não criam valores nem significados do zero. Conforme sinaliza McLuhan (2007), os meios de comunicação em massa aparecem como uma espécie de “extensão sensorial” e amplificadora de possibilidades comunicativas, que dialogam com o campo estético comunicacional na condição de mediadores entre o sujeito e o real concreto.

Surge assim uma nova maneira de se relacionar com o real, sob a mediação de instrumentos eletrônicos. Para compreender tal relação, Muniz Sodré (2008) sugere pensar na mídia não apenas como um transmissor de informações, mas como uma nova ambiência, um novo modo de vida, um *ethos* midiaticizado. Em suas palavras, “sua especificidade, em face das formas de vida tradicionais, consiste na criação de uma eticidade (costume, conduta, cognição, sensorialismo) estetizante e vicária, uma espécie de terceira natureza.” (SODRÉ, 2008, p. 11).

Neste sentido, Elizabeth Rondelli (2000) demonstra que, as imagens midiáticas, em especial, as televisivas, atuam como “macrotestemunhas privilegiadas dos acontecimentos” da vida cotidiana, visto que possuem poder de visibilidade e de repercussão pública, fornecendo credibilidade aos fatos noticiados.

Atualmente, uma das temáticas mais recorrentes nas mídias em geral, especialmente a televisão, é a violência e suas práticas. A violência é um fenômeno social que sempre existiu na história da humanidade, e, ao longo desta, foram criadas diversas formas de divulgação dos episódios violentos que ocorrem no cotidiano das cidades. Mais recentemente, graças aos modernos avanços tecnológicos, surgiram novos meios de comunicação, tais como a televisão, que possibilitaram uma maior distribuição de informações e, como consequência, promoveram o acesso de um largo público aos acontecimentos concernentes à vida cotidiana, tais como a violência. Tamanha exposição compete para uma construção simbólica de representações sociais e de um determinado imaginário *da e sobre* a violência.

Segundo José Manuel Moran (1991), no início dos anos 1950, a televisão chegou aos lares dos brasileiros e, graças a sua capacidade de oferecer informações, entretenimento e cultura, rapidamente tornou-se um dos veículos de comunicação em massa mais utilizado e desejado pelas famílias do país inteiro. Podemos observar que o aumento dos casos de violência no cotidiano das grandes cidades e o advento de meios de comunicação em massa contribuiu para que a temática da criminalidade e da violência ganhasse crescente destaque na mídia, fazendo com que surgissem jornais voltados exclusivamente para a divulgação de crimes e dramas pessoais violentos, como é o caso do programa policial Barra Pesada, recorte empírico adotado nesta pesquisa.

Por ser parte da própria cena, a mídia tanto cria quanto é produto das representações e imaginários *da e sobre* a violência, apresentando-se como um elemento essencial na construção de identidades sociais da atualidade. Assim considerando, pode-se dizer que compreender complexamente a estética midiática da violência seria uma forma de entender a própria violência. Para Elizabeth Rondelli (2000),

A mídia é um determinado modo de produção discursiva, com seus modos narrativos e suas rotinas produtivas próprias, que estabelecem alguns sentidos sobre o real no processo de sua apreensão e relato. Deste real ela nos devolve, sobretudo, imagens ou discursos que informam e conformam este mesmo real. Portanto, compreender a mídia não deixa de ser um modo de se estudar a própria violência, pois quando esta se apropria, divulga, espetaculariza, sensacionaliza, ou banaliza os

atos da violência está atribuindo-lhes sentidos que, ao circularem socialmente, induzem práticas referidas à violência. (RONDELLI, 2000, p. 150).

Ocorre que a forma como os meios de comunicação falam da violência faz parte da própria realidade do fenômeno e que os meios de comunicação não só descrevem as ações referentes à violência, mas também fazem parte do drama social produzido pelos fatos narrados por eles. Logo, se entendermos a violência como uma linguagem que comunica algo, veremos que a mídia atua como um amplificador desta linguagem.

O contexto estético televisual da violência revela múltiplas dimensões da realidade social que permeiam os atos de manifestação deste fenômeno. Ou, como diria Rondelli,

O poder da violência reside, portanto, não só nas suas intenções práticas ou instrumentais, como nas simbólicas ou expressivas. A intenção instrumental é um meio de transformar o ambiente social. A intenção expressiva e simbólica é uma maneira de dramatizar a importância das ideias sociais, trazendo à tona os conflitos. (RONDELLI, 2000, p. 151-152).

Tomando como base as palavras de Elizabeth Rondelli (2000), a dramatização de episódios da violência cotidiana parece funcionar como instrumento de uma espécie de catarse pública e coletiva à medida que ultrapassa o espaço do privado, do particular, e passa a constituir opiniões, valores, julgamentos morais e práticas públicas, referindo-se quase sempre a questões sociais que estão muito além dos limites espaciais da própria ocorrência do fato violento noticiado. Sendo assim, a televisão age como construtora de uma representação do real ou de sua hiper-representação, cujos efeitos podem provocar tanto a indignação e mobilização, quanto a “ira pacificadora” ou o “recolhimento catártico” da sociedade a qual se refere, tornando-se necessário complexificar o estudo do processo comunicativo televisual para compreender a lógica da produção e da reprodução de sentidos e sentimentos suscitados pelo movimento midiático contemporâneo. (FREITAS, 2007).

No campo da televisão, é possível identificar a existência de uma padronização na forma como as notícias violentas são construídas e mostradas. Alguns recursos técnicos são comumente utilizados pelas equipes de produção de programas especializados na cobertura

dos bastidores policiais como estratégia para oferecer uma estética televisual da violência que garanta o interesse do público. É o caso da edição das imagens violentas para torná-las espetaculares; da carga dramática visível nos títulos, chamadas, imagens e sons atribuídos à notícia; da valorização do aspecto trágico do dia-a-dia das grandes cidades; do tom coloquial utilizado pelos apresentadores e repórteres, com o objetivo de simular um diálogo constante entre produtor e consumidor, o que funciona como uma estratégia de aproximação entre ambos; etc. Esses e outros aspectos são relevantes no que se refere à compreensão da dimensão estética presente na maneira como a violência urbana é representada pelo registro televisivo.

Sendo assim, a realização do processo de divulgação televisual da violência envolve inúmeros agentes de produção, de emissão e de recepção (não passiva), que conferem múltiplas sensações, intenções, sentimentos e visões de mundo acerca deste fenômeno social. Nesse contexto, o apresentador de programas policiais constitui um papel central na relação estabelecida com os telespectadores, passando ora uma imagem de justiceiro, ora de defensor público, ora de juiz no tribunal.

Vejamos o caso do programa Barra Pesada, recorte empírico desta pesquisa, quando pensamos na dimensão da moral presente no discurso de Nonato Albuquerque, percebemos uma mensagem muitas vezes conservadora, que justifica uma espetacularização e uma banalização de fatos chocantes do cotidiano de pessoas e de famílias da periferia de Fortaleza e sua região metropolitana pela suposta necessidade de se empreender um movimento moralizante na sociedade contemporânea, com o objetivo de acabar com o mal que assola o tecido social fortalezense, através da exigência de providências efetivas dos órgãos públicos competentes e da participação ativa da sociedade civil.

A relação entre moral e anomia social está presente no discurso de apresentação do programa dirigida por Nonato Albuquerque: “O Barra começa trazendo as últimas informações de tudo que ocorreu no Ceará nas últimas vinte e quatro horas, mostrando a vida exatamente como ela é e como não deve ser.”⁴ Tratada como um “sistema de regras de conduta”, a moral⁵ aparece no discurso do apresentador do Barra como um ideal a ser alcançado pelos cidadãos cearenses. (DURKHEIM, 2007). Enquanto que a realidade social, tal como é apreendida pelo olhar jornalístico do noticiário estudado, encontra-se em estado de

⁴ Fragmento retirado da transcrição relacionada à edição do programa gravada em 20 de julho de 2009.

⁵ Para aprofundar a leitura sobre a dimensão da moral na realidade social, ler: DURKHEIM, Émile. Sociologia e Filosofia. 2. ed. São Paulo: Ícone Editora, 2007.

profunda anomia social, isto é, profundamente desintegrada das normas construídas em coletividade e com os valores da sociedade enfraquecidos.

É também bastante sintomático o fato do apresentador do noticiário policial afirmar que expõe para seus telespectadores a vida, e, por consequência, a violência tal como ela é na realidade, mas que, na maioria das vezes, mostra apenas evidências inconclusivas dos casos relatados pelos policiais e moradores no local da ocorrência. Algumas questões sobre a relação entre o real e a ficção permanecem nubladas, pois o que é apresentado pelo programa policial são apenas amostras, fragmentos de uma violência imaginada, representada, reconstituída, não é a violência em ato, dentro de sua execução sequencial. É preciso pensar no processo de transformação pelo qual a própria realidade dos fatos sofre quando é selecionada, recortada, fracionada, argumentada pela produção desses programas, que muitas vezes se baseiam em critérios profissionais, pessoais e culturais para definir o que e como será ou não noticiado.

Portanto, se entendermos a violência urbana como um fenômeno social plural nas representações e imaginários que seus atores, suas experiências, sua forma de produzir sensações e sentimentos, no modo como funciona, nas suas causas e nos seus efeitos; ela recebe o mesmo tratamento pelos *mass media*, que modelam diversas formas estéticas de apresentá-la. Mas como faremos para compreender como esse processo realmente acontece?

3 FAZER PESQUISA EM MEIOS DE COMUNICAÇÃO: O DESAFIO METODOLÓGICO

A problemática central proposta por este projeto diz respeito ao aspecto estético da violência urbana apresentada pelo programa policial Barra Pesada. Nesse sentido, procuramos dar conta de uma série de questionamentos, tais como: qual o papel atribuído pelo Programa no contexto da relação entre ele mesmo, telespectadores e agentes sociais envolvidos nas matérias? Que tipos de discursos, imagens e sons são utilizados pelos programas para representar a violência urbana em Fortaleza e sua região metropolitana? Quais são os recursos técnicos utilizados pela produção do programa na exposição de episódios violentos? De que maneira o apresentador constrói uma interação com os telespectadores? Qual a importância da estética nesse contexto?

Com o objetivo de responder a estas e a demais questões que apareceram no decorrer da pesquisa, a escolha da abordagem analítica adotada não poderia deixar de contemplar as imagens e os sons emitidos pelos programas durante a apresentação das notícias, pois restringiria a análise apenas ao estudo dos discursos, apresentados na forma textual após a devida transcrição dos mesmos, o que seria insuficiente para uma compreensão densa do objeto pesquisado. Desse modo, optamos pelo uso de estratégias metodológicas que nos possibilitem realizar uma análise múltipla da relação entre forma e conteúdo relativos à linguagem audiovisual, com o intuito de captar o universo de discursos, imagens, planos em sequência, músicas e sons que são inerentes ao noticiário pesquisado.

A partir disso, tornou-se necessário a elaboração de uma metodologia que tem por objetivo organizar e estruturar a pesquisa de modo que possibilite a apreensão do objeto estudado em sua dimensão estética. Como indícios de procedimento, utilizaremos métodos e técnicas qualitativas, na tentativa de fornecer dados empíricos que fundamentem uma ampla e satisfatória discussão sobre o objeto.

Na primeira etapa da pesquisa, procuramos dar conta de uma pesquisa exploratória em fontes documentais e bibliográficas que possibilitaram uma contextualização do campo de estudo adotado. A leitura de monografias, dissertações e teses que trabalham com a temática da mídia e da violência tem sido de grande relevância, pois possibilitou um maior entendimento do contexto em que os sujeitos envolvidos na narrativa televisual do programa Barra Pesada estão inseridos e a lógica que conferem às práticas e representações sociais da violência, informações imprescindíveis para uma compreensão complexa do fenômeno estudado.

Como estratégia preliminar, buscamos nos contaminar um pouco com o campo de estudo aqui delimitado. Este campo apresenta características não convencionais para a negociação de uma relação de pesquisa, tal como é proposta por diversos pesquisadores, tais como Pierre Bourdieu em seu texto *Compreender*⁶, por exemplo. Por se tratar de um programa de televisão, a forma como o mesmo tem sido acessado vem se traduzindo no acompanhamento diário do telejornal nos horários específicos que é transmitido atualmente (dez para o meio dia/oito e vinte da noite), proporcionando uma maior sensibilização do pesquisador para com o objeto. O uso da ferramenta do diário de campo tem sido de

⁶Ver: BOURDIEU, Pierre. *Compreender*. In: _____ (et al). **A miséria do mundo**. 4. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

fundamental importância para a identificação de questões que se repetem, de casos emblemáticos e/ou excepcionais e das contradições que se mostram recorrentes no meio televisivo. Com a ajuda desta ferramenta de pesquisa, garantimos a reconstituição dos fatos observados, sem se confiar apenas na memória dos pesquisadores. Acreditamos que é partindo desses pontos que temos conseguido acessar de fato a lógica do fenômeno social estudado.

Na continuação desta pesquisa, serão utilizados elementos próprios da abordagem etnográfica, que consistem na observação extenuante do campo empírico delimitado – o programa policial Barra Pesada –, com o objetivo de revelar a estética das representações sociais *da* e *sobre* a violência urbana televisual cearense. Após a coleta de imagens emblemáticas do telejornal que serão previamente selecionadas, realizaremos uma reflexão densa em torno dessas imagens, através de uma análise minuciosa das mesmas. Assim, as imagens, os discursos e os sons provenientes do noticiário servirão como material empírico para esta pesquisa, aos quais recorreremos sempre que for necessário.

Para viabilizar a pesquisa empírica, estabeleceremos um período para a gravação das edições do programa no formato de DVD (*Digital Video Disc*). Além disso, poderemos recorrer à obtenção de cópias de determinadas edições do Programa presentes no arquivo da TV Jangadeiro, que se mostrarem essenciais para o andamento da pesquisa. Essas decisões ainda serão tomadas com a orientação da Professora Doutora Jania Perla Diógenes de Aquino. Para favorecer a criação de um esquema classificatório dos dados coletados durante a pesquisa, utilizaremos o programa de análise de dados qualitativos NVivo⁷, visto que tal programa permite a codificação do material de maneira a organizar de forma sistemática as categorias que serão definidas ao longo da pesquisa, relacionando-as com as primeiras impressões que tem sido construídas nos cadernos de campo e com outras anotações e comentários, estabelecendo uma contínua análise a respeito da própria maneira como a relação de pesquisa tem sido construída.

Após o período de coleta e seleção da amostragem dos dados empíricos, iniciaremos, com a ajuda do programa NVivo, a codificação e a definição de categorias classificatórias dos materiais coletados. Será também utilizado o recurso fotográfico do *frame*

⁷ É importante destacar que, dentre os programas de computador que assistem a análise qualitativa de dados, o programa NVivo é um mais utilizados nesta categoria, apontando também demais programas que funcionam como ferramenta de pesquisa: NUD*IST, QualPro, WinMax, Atlas/TI, Hyperresearch, The Ethnograph, Hypersoft, entre outros.

(imagem fílmica congelada), como forma de registrar o trabalho etnográfico realizado durante as incursões a campo, o que poderá ilustrar melhor o cotidiano metodológico da pesquisa.

Por fim, utilizaremos a técnica de entrevista, que deverá seguir um roteiro semi-estruturado, elaborado previamente, proporcionando um ambiente o mais próximo possível do natural entre pesquisador e pesquisado. Dentre os atores sociais que poderão ser entrevistados, destacam-se o diretor de produção, os editores de imagem, os repórteres, os cinegrafistas e o próprio apresentador do programa Barra Pesada, Nonato Albuquerque. É importante que seja considerado não somente a experiência singular dos atores sociais no campo, mas também o significado que os próprios sujeitos conferem as suas experiências.

Dessa maneira, acreditamos que será possível realizar um estudo mais complexo sobre a abordagem estética da violência por intermédio de categorias, índices e codificações não apenas da análise do discurso, mas também dos efeitos fotográficos, cenográficos e sonoplásticos que ocorrem concomitantemente aos textos falados durante a cena jornalística, mantendo assim um diálogo constante entre a análise do verbal e do não verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das últimas décadas, as ciências sociais de um modo geral não privilegiaram a temática da mídia, aparecendo nas pesquisas apenas como um elemento complementar. Recentemente, podemos verificar que tal atitude vem mudando quando nos deparamos com monografias, dissertações e teses que trabalham especificamente esse assunto, o que demonstra a importância do estudo dos meios de comunicação em massa para a compreensão de vários aspectos da realidade social. Acreditamos que as reflexões iniciais demonstradas nesse artigo a respeito do desafio de fazer uma pesquisa social de forma mais sistemática sobre dados empíricos provenientes de meios de comunicação, tais como o programa policial Barra Pesada, apresentaram uma série de pontos essenciais para um entendimento mais rico sobre a construção social midiática da violência urbana. É preciso destacar que este artigo se trata de um trabalho inicial que pretendemos prosseguir para abordar outras questões pertinentes à análise das narrativas midiáticas além das que já foram identificadas, deixando espaços para inúmeros questionamentos e inferências que poderão se mostrar fundamentais para a compreensão da lógica midiática estudada.

REFERÊNCIAS

- A BANDEIRA virou. **Jangadeiro Online**, Fortaleza, 02 abril 2012. Disponível em: <<http://www.jangadeiroonline.com.br/opinia0/a-bandeira-virou/>>. Acesso em: 04 abril 2012.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: _____ (et al). **A miséria do mundo**. 4. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. **Estética da Violência**: jornalismo e produção de sentidos. 1999. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- COSTA, Maria Tereza Paulino da. **A justiça em ondas médias**: o programa Gil Gomes. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- DURKHEIM, Émile. *Sociedade e Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ícone Editora, 2007.
- FREITAS, Geovani Jacó de et al. O Estado e Trauma. In: ARAÚJO, Felipe et al. (Org.) **Pensar o mundo do amanhã**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 157-187.
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- _____. **Sociologia**. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- GOMES, Taiga Corrêa. **A cidade televisionada**: um olhar sobre a relação entre o telejornal local, o telespectador e o grande Rio. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- HAUSSEN, Doris Fagundes; DORNELLES, Beatriz. (Org.). **Estudos contemporâneos da comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- MARTINS, Clayson Ferreira. **Programa Barra Pesada**: a violência na TV Cearense. 1993. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1993.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- MISSE, Michel. A Violência como sujeito difuso. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Cândido; LEMGRUBER, Julita. (Org.). **Reflexões sobre a violência urbana**: (in)segurança e (des)esperanças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

_____. Sobre a construção social do crime no Brasil: esboços de uma interpretação. *In:* _____. (Org.). **Acusados e Acusadores**: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2008. p. 13-32.

MORAN, José Manoel. **Como ver televisão**: leitura crítica dos meios de comunicação. São Paulo: Editora Paulinas, 1991.

OLIVEIRA, Francisca Suely dos Santos de. **Barra Pesada**: sua recepção nos domicílios do bairro Autran Nunes. 1998. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. **Estética da violência**: por uma arqueologia dos vestígios. 1997. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. *In:* PEREIRA, Carlos Alberto Messeder *et al.* (Org.). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In:* VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SIQUEIRA, Cláudia Regina. **Sensacionalismo na televisão**: programa Barra Pesada. 2004. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

_____. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____. **Sociedade, Mídia e Violência**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina & Edipucrs, 2006.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet M. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

TREMBLAY, Gaëtan. De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 13-22, dez. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/view/266/showToc>>. Acesso em: 20 fev. 2012.